

CIBERPROFESSORES INDÍGENAS: NARRATIVAS ATRAVÉS DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO

Naine Terena de Jesus*

Maritza C. Maldonado**

Resumo: Este artigo foi construído a partir do resultado de pesquisa de campo realizada entre os anos de 2010 e 2014 e se constitui na problematização da construção das narrativas das professoras indígenas Terena e Guarani Kaiowa em atividades educacionais e no dia a dia. Para fins de coleta das informações foram utilizados questionários com respostas abertas e fechadas, entrevistas gravadas em áudio e vídeo e, também, informações registradas no caderno de campo, anotadas durante oficina de capacitação realizada no município de Aquidauana, em Mato Grosso do Sul. Considera-se que a presença das tecnologias no contexto indígena, a partir da perspectiva desses educadores, não é um elemento externo desfragmentador de cultura, mas sim, é uma presença concreta e já incorporada, sendo utilizada em prol da divulgação de temáticas relacionadas aos povos indígenas.

Palavras-chave: Educação indígena. Docência. Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC).

1 Introdução

A expansão do acesso à rede mundial de computadores tem sido cada vez mais veloz. É possível acessá-la de diferentes dispositivos, passando pelo computador até o telefone celular. As redes Wi-Fi disponíveis em locais públicos aumentam a abrangência de acesso dos adeptos do mundo virtual, o que torna difícil categorizar os incluídos e os excluídos digitais.

Nesta conjuntura, insere-se também a presença na rede mundial de computadores de indivíduos residentes em localidades mais distantes dos centros urbanos, como as comunidades indígenas. Mesmo estando longe dos centros urbanos maiores, as aldeias possuem pontos de acesso digital, seja na escola, no posto de atendimento da FUNAI ou, ainda, em suas associações. Em alguns casos, o acesso já se tornou particular, através de conexões via rádio, em que cada morador pode adquirir o acesso pagando mensalmente pela utilização dos serviços de dados.

* Doutora em Educação. Bolsista PNPd Capes no Programa de Pós-graduação em Educação da UNEMAT-MT. Pesquisadora no AIE. www.imagemeducacao.wordpress.com.

** Professora Adjunta da Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT no curso de Pedagogia e no Programa de Pós-Graduação em Educação. Pesquisadora do AIE. www.imagemeducacao.wordpress.com



Fez-se esta breve explanação a respeito do alcance da rede mundial de computadores com o propósito de introduzir o cenário no qual este artigo foi construído – a facilidade de acesso à rede mundial de computadores, que, atualmente é possível aos indivíduos presentes em diferentes locais do planeta. Neste caso, trata-se da utilização das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) por parte dos indígenas, em especial, pelos professores. O ensejo da proposição é apresentar ao leitor a experiência dos educadores com a utilização das diferentes tecnologias, por meio das quais realizam a digitalização de seus discursos e a “virtualização de suas entidades” (MATUCK, 2011, p. 481), em especial, por meio das redes sociais. Além disso, ressalta-se que a produção do artigo tem influência dos estudos atuais (2016-2017) realizados pela pesquisadora no grupo de pesquisa Ateliê de Imagem e Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), pois as pesquisas realizadas no grupo relacionam-se fortemente com a formação e atuação de professores e estudos relacionados à diversidade e às diferenças.

A construção deste texto foi realizada a partir de dados coletados durante pesquisa empreendida entre os anos de 2010 e 2014, em visitas a aldeias Terena, localizadas em Aquidauana, Mato Grosso do Sul. Foram realizadas 15 entrevistas escritas, 15 gravações em vídeos, anotações em caderno de campo e acompanhamento in loco. Para a tese de Doutorado, o interesse era verificar a utilização que os professores indígenas faziam das TICs enquanto materiais de suporte didático, principalmente nas disciplinas diferenciadas – Arte e Língua Terena, que não contam com materiais didáticos específicos. Neste arcabouço, fez-se o acompanhamento do dia a dia e as motivações que os levavam a utilizar as TICs fora da escola. No entanto, este artigo apresenta, de forma concisa, os resultados da pesquisa, observando alguns momentos que envolvem os educadores e a utilização das TICs. Para esta escrita, há, como alicerce teórico, autores que auxiliam a pensar as diferentes presenças de indígenas no mundo digital, bem como escritos antropológicos que descrevem as características do povo Terena, conforme apresenta-se na sequência.

2 O povo Terena

De acordo com Fundação Nacional de Saúde/Rede Nacional de Estudos e Pesquisas em Saúde dos Povos Indígenas, a população aproximada do povo Terena é de 19.129¹ pessoas em todo o país. Os primeiros contatos com a sociedade não indígena aconteceram no século

¹ De acordo com os dados da Fundação Nacional de Saúde/Rede Nacional de Estudos e Pesquisas em Saúde dos Povos Indígenas – Funasa/Renisi 2005. Disponível em: <https://sis.funasa.gov.br/portal/detalhe_dsei.asp?strcddsei=20>.



XVI, conforme narrações de Cabeza de Vaca, Governador de Assunción, no Paraguai, que foram registradas por Jesus (2005). De acordo esse autor, a vinda para o Brasil aconteceu entre os séculos XVIII e XIX, ocupando terras nos arredores do antigo Presídio de Coimbra, hoje denominado Forte de Coimbra, situado em Corumbá, no Mato Grosso do Sul.

Hoje, os Terena estão presentes em diferentes municípios do estado de Mato Grosso do Sul, São Paulo e Mato Grosso. A mobilidade se deu devido à Guerra do Paraguai, na qual ocorreu a retirada desses povos para outras terras com o intuito de auxiliar outros povos na produção agrícola e na formação de novos aldeamentos.

Já a educação escolar entre os Terena de Mato Grosso do Sul foi registrada por alguns autores e documentos oficiais. Em suma, tais documentos relatam a existência das escolas com a chegada dos missionários Capuchinhos, no ano de 1849. Deste período até 1988, estiveram entre os Terena outros grupos missionários, o Serviço de Proteção ao Índio (SPI) e a FUNAI, realizando trabalhos de letramento.

Em 1988, a Constituição Brasileira se tornou o marco para os povos indígenas por garantir seus direitos em diferentes esferas. Dentre os Direitos garantidos pela Constituição Federal, está o uso da língua materna e processos próprios de aprendizagem, cabendo ao Estado a proteção das manifestações das culturas indígenas.

Este é um ponto de fundamental importância, pois o uso da língua materna, assim como seu ensino nas unidades escolares indígenas, tornou-se um dos alicerces para a educação indígena diferenciada, juntamente com a disciplina de Artes.

Durante o levantamento de informações nos arquivos das Universidades de Mato Grosso do Sul, Arquivos públicos e Centro de documentação, foi possível acessar documentos, como listas de presenças dos eventos realizados, e observar a participação intensa das lideranças Terena nessas reuniões e encontros do setor da educação. Tal fato indica que o envolvimento desse povo nas ações da educação é marcante e de grande atuação.

Na atualidade, as aldeias dos Terena em Mato Grosso do Sul contam com atendimentos na área da saúde, dispo de Postos de Saúde, fornecimento de cestas básicas para famílias com maior necessidade financeira e, em especial, com escolas diferenciadas. O ponto fundamental que move as unidades escolares diferenciadas é que elas estejam adequadas ao meio em que estão inseridas, ou seja, que contemplem a cultura indígena. O Decreto 6.861, de 27 de maio de 2009, no artigo Art. 3 cita que é necessário o desenvolvimento de currículos e programas específicos, incluindo conteúdos culturais correspondentes às respectivas comunidades e o reconhecimento de escolas indígenas com normas próprias e diretrizes curriculares específicas, voltadas ao ensino intercultural e



bilíngue ou até multilíngue. Ademais, este decreto institui que a Educação Escolar Indígena deve ser organizada com a participação dos povos indígenas, observando sua territorialidade e respeitando suas necessidades específicas.

Embora a Legislação especifique os pontos fundamentais para o funcionamento da escola diferenciada, existem muitas lacunas que são apontadas com frequência pelos educadores: questão das políticas de educação adotadas pelos estados e municípios, alocação de recursos, diferenças socioculturais apresentadas pelos povos indígenas do Brasil e também o modelo de educação escolar aplicado nas aldeias. A grade curricular conta com as disciplinas ofertadas na escola urbana e segue o calendário escolar estabelecido pela Gerência de Educação do Município, que também se assemelha ao calendário geral da rede municipal de ensino. Esse calendário é um fator que desagrade as comunidades escolares, pelo fato de não seguir as movimentações internas das aldeias. Em virtude disso, surgem mais indagações a respeito da ausência da educação indígena no contexto escolar, já que a participação nas atividades da aldeia, como nas roças e nas ações políticas, é fundamental para o crescimento do indivíduo Terena.

Existe também a preocupação com o número de falantes do idioma Terena nas aldeias e o efeito das aulas de Língua Terena ministrada para as crianças. Dessa forma, os professores elaboram seus próprios materiais didáticos para o ensino da língua e cultura/arte Terena: criam cadernos com anotações particulares, atividades próprias e reproduzem para os alunos. Seguem a ementa, mas a adaptam de acordo com o desenvolvimento dos alunos, utilizam imagens, fotografias e desenhos para que as crianças assimilem as informações. Mostram-se atuantes na militância por uma escola realmente indígena e estabelecem junto às comunidades relações de protagonismo e poder dentro das escolas indígenas. Esse protagonismo e poder se desenha na exigência de professores indígenas em sala de aula, na construção de calendários que sigam o movimento das aldeias e na orientação das lideranças na escolha de quadros técnicos e profissionais, entre outras ações.

Além desses artifícios, avançam na utilização das TICs e na construção de narrativas em redes sociais que exaltam e fortalecem as ações enquanto protagonistas profissionais e indígenas de suas próprias histórias e conquistas, conforme será apresentado a seguir.

3 Narrativas indígenas

O acesso à *internet* em aldeias da região de Aquidauana-MS é, de certa forma, facilitado. As escolas mantêm conexões com a rede mundial de computadores e alguns moradores possuem conexão particular. As idas às cidades possibilitam o sinal de celular e os



indígenas, em especial os mais jovens, podem se conectar através de seus aparelhos portáteis de comunicação.

O rompimento dos limites geográficos foi possível devido à inclusão digital proporcionada pelo acesso à *internet* em localidades interioranas, como é o caso desta cidade sul-mato-grossense. Os Terena de Mato Grosso do Sul podem, em grande parte do tempo, se manter em seu espaço físico, concreto – as aldeias – e frequentar diferentes espaços, sem se moverem de seu *locus* (HALL, 2002) ou tornarem-se não presentes em diferentes eventos devido à virtualização de sua pessoa ou coletividade (LÉVY, 2005).

De acordo com Henn (2013), tal circunstância permite a ocorrência de ciberacontecimentos e, no caso do nosso estudo, eles estão relacionados ao contexto dos professores e do cotidiano escolar indígena, que ocupam o espaço virtual devido ao acesso que eles mesmos mantêm e utilizam para divulgar as informações que consideram importantes de serem propagadas. O autor define ciberacontecimentos como acontecimentos que ocorrem no âmbito digital e que não necessitam da mediação de um profissional de jornalismo, por serem articulados em redes públicas e carregarem o potencial de compartilhamento.

Na perspectiva de Matuck (2011), o contexto digital cria potencialidades linguísticas e identitárias que permitem experiências, comunicações e representações em níveis anteriormente insuspeitos. Como exemplo deste ciberacontecimento e das potencialidades linguísticas e identitárias, destaca-se a construção de uma narrativa de autoafirmação por parte dos professores de uma aldeia Terena visitada durante esta pesquisa².

No ano de 2013, um educador fez uma postagem na rede social *Facebook*, em que remetia a uma atividade realizada no ambiente externo à aldeia. Tratava-se de uma ação esportiva, concretizada no âmbito escolar do município. Nestas atividades, geralmente as escolas indígenas encontram dificuldades em participar devido a diferentes fatores, tais como a dificuldade de transporte, recursos para produção de uniformes e, segundo alguns relatos, situações de discriminação que também já foram registradas durante as estadias na cidade.

Por meio da postagem na rede social *Facebook*, o educador destacou a participação do time da escola, dando ênfase ao desempenho de seus alunos e à afirmação da identidade indígena. Nos comentários que se seguiram, os contatos desse professor – que são também docentes indígenas – e reafirmavam a competência de um educador indígena, diante dos

² Refiro-me à pesquisa de Doutorado realizada entre os anos de 2010 e 2014, na qual o foco de estudos era a utilização das TICs como materiais didáticos em uma escola Terena.



profissionais não indígenas e o orgulho da comunidade, pois se tratava de um fato inédito, a participação e a vitória nos Jogos Escolares.

Do ponto de vista teórico, pode-se verificar o que Castells (2005) ressalta acerca das diferentes modalidades de expressão, em que a *internet* deixou de ser um local onde apenas se realiza pesquisa e se consome informação, para ser um ambiente de comunicação com mais troca de informações e publicações. Além disso, destaca-se que essas produções são oriundas de outra fonte, uma vez que a produção de conteúdo não é mais algo restrito aos profissionais especializados em comunicação. Tem-se também uma experiência voltada para o cibercontecimento, pois os fatos/acontecimentos foram narrados na rede social *Facebook*, sendo objeto de comentários e compartilhamentos voluntários.

No caso do professor, considera-se sua exposição como um desabafo, sendo as redes sociais utilizadas como um espaço para a divulgação dos fatos e uma forma de extravasar a superação de preconceitos, demonstrando a movimentação do corpo escolar para que pudessem participar dos jogos e exaltassem a conquista do professor e dos alunos indígenas como resultado da capacidade física e intelectual do grupo.

Nesta narrativa, o professor buscou destacar o potencial e as condições de “competir de igual para igual com os não indígenas”³. Uma narrativa que marca bem a posição dos indígenas nos movimentos sociais excluídos e subalternos, devido ao longo processo de invisibilização que passam no país. Ao realizar a narrativa no *Facebook*, o professor reafirma o que Matuck (2011) diz a respeito da *internet* nos dias de hoje: um espaço de fala para grupos tradicionalmente excluídos. Para este autor “o ambiente virtual torna possível uma melhor negociação das identidades da vida real” (MATUCK, 2011, p. 488). É no espaço virtual que os cibercidadãos adquirem o potencial de recriarem tanto o espaço real, como o espaço virtual que ocupam, justificando que é nele que surgem as possibilidades de produção e sustentação de narrativas identitárias, pontos de vista e articulações políticas.

Problematizando a postagem, pode-se observar que ela se enquadra em uma *narrativa do acontecimento*, conforme definição de Jenkins (2008). Para este autor, a narrativa do acontecimento é construída pelos atores sociais que intervêm e interagem em diversas plataformas convergentes. Primo (2011), por sua vez, ressalta que nessas interações os indivíduos reúnem-se em torno de contínuas problematizações, sendo caracterizada por relações interdependentes e “[...] processos de negociação, em que cada interagente participa da construção inventiva e cooperada do relacionamento” (PRIMO, 2011, p. 57).

³ Este parece ser um tema bastante delicado e de muitos debates no sentido da afirmação do profissional indígena em diferentes ambientes profissionais.

Outro episódio relevante refere-se a um vídeo produzido por professores indígenas no contexto de um projeto de capacitação em audiovisual⁴. Ao final do curso, eles deveriam produzir um pequeno documentário acerca de um tema relacionado ao povo Terena. O tema escolhido pelos educadores da Aldeia Indígena Água Branca foi a presença das tecnologias no contexto do povo Terena. Em uma das entrevistas⁵ coletadas para a composição deste material, uma professora diz:

Que o povo Terena teve que se adaptar com a outra cultura. A prova disso é isso, a câmera digital [...] hoje temos o orelhão que antigamente não se via o orelhão...mas se eu não conseguir manusear isso aqui eu vou parar. Então eu tenho que me adaptar. Eu tenho que me adaptar a esta cultura, mas não deixar a minha de lado.
(Prof. 1)

Em outro trecho, um entrevistado indígena, enfatiza a utilidade das TICs no cotidiano das escolas: “Além de trazer informações importantes, é uma ferramenta indispensável para a vida dos professores e dos alunos, sem sair da aldeia” (Prof. 2).

Por fim, em uma outra entrevista, pergunta-se ao professor indígena como ele utiliza a *internet*:

Eu uso para pesquisa. Como sou professor uso para tirar trabalhos, melhor pesquisa para alunos... através da internet, pelo *face* eu posso conversar com minha família [...] é um modo de ficar perto da minha família e eles ficarem perto de mim. (Prof. 3)

Este vídeo, com um tom bastante militante, foi a forma que os professores encontraram para apresentar à sociedade nacional o modo de vida contemporâneo do povo Terena. Com cinco minutos de duração, o vídeo se caracteriza como um curta documental/jornalístico. À luz da teoria de Nichols (2005, p.27), esse vídeo acrescenta uma nova dimensão à “memória popular e à história social” porque permite a seus realizadores conceber o mundo da mesma forma que um advogado representa os interesses de um cliente: colocam diante de nós a defesa de um determinado ponto de vista ou uma determinada interpretação das provas e os vídeos indígenas não fogem a esta característica. Os professores-cineastas, neste caso, oferecem ao espectador uma visão atualizada acerca da forma de vida de seu povo.

Ao narrar a relação que eles, profissionais de educação, mantêm com as tecnologias e o nível de interação digital, justificam dizendo as finalidades de se conectarem e que mesmo com a presença de todas as tecnologias, não deixaram de ser indígenas. Cabe frisar que,

⁴ O Projeto reuniu professores Terena de 6 aldeias, e este tema foi escolhido por educadores da Aldeia Água Branca, Distrito de Taunay - Aquidauana, MS.

⁵ Após a capacitação em audiovisual, os professores realizaram uma série de entrevistas focando as temáticas escolhidas por eles para compor os microdocumentários que seriam o resultado final da oficina.



concernente ao fato de dominarem as tecnologias, não haveria nenhum questionamento acerca da identidade indígena, se não fosse o longo histórico de estereotipação dos povos indígenas com a intenção de enfraquecer o movimento indígena que milita em favor das demarcações de terras⁶.

Autores como Lemos (2013) afirmam que a cibercultura faz parte da vida de todas as pessoas, até mesmo daquelas que não navegam na *internet* pelo simples fato de existir nos dias de hoje a chamada *internet* das coisas. Para Lemos (2005), ela surge a partir do momento em que sistemas ganham autonomia – é a designada inteligência artificial.

O discurso de pertencimento étnico tem sido cada vez mais forte para opor uma corrente de pensamento há muito tempo propagada, que conecta a inserção de tecnologias ao desaparecimento das culturas indígenas. É interessante observar que, nos depoimentos, os três professores se posicionam enquanto profissionais indígenas que utilizam as tecnologias para o desempenho profissional – pesquisa, atualização de conhecimentos e busca por novos saberes. Esta é a função primária apontada pela presença digital dos professores indígenas.

Em um segundo aspecto, verifica-se a possibilidade de aproximação com quem está longe e a urgente adaptação cultural, termo utilizado por uma das professoras na entrevista. Esta adaptação cultural está diretamente ligada à globalização e às transformações mundiais. Porém, ao fim da fala, ela salienta que, mesmo estando conectada a esta outra cultura, não deixa de ser Terena. Pode-se dizer que, neste contexto, têm-se presentes a identidade global e a local. Em relação a isso, Hall (2002, p. 79-80) afirma que:

As sociedades de periferia têm estado sempre abertas às influências culturais ocidentais, e agora, mais do que nunca. A ideia de que esses são lugares fechados - etnicamente puros, culturalmente tradicionais e intocados até ontem pelas rupturas da modernidade – é uma fantasia ocidental sobre a alteridade: uma fantasia colonial sobre a periferia, mantida pelo Ocidente, que tende a gostar de seus nativos apenas como puros e de seus lugares exóticos apenas como intocados.

A partir da reflexão de Hall (2002), percebe-se que a identidade local não se exclui com o trânsito que esses educadores indígenas promovem com a identidade global. Eles são professores e também são Terena. Conectados e desconectados. Sem ter de escolher entre um e outro, podendo ser um e outro, concomitantemente. Tornam-se um sujeito híbrido, “[...] aquele que tem a forma híbrida entre o físico e o eletrônico” (MATUCK, 2011, p. 484) como qualquer indivíduo que tem a oportunidade de se conectar à *internet*.

⁶ Quando digo que o fato de indígenas dominarem tecnologias não deveria ser algo surpreendente, quero afirmar que, isso só se potencializa como algo não comum, por que grupos de poder querem constantemente deslegitimar a ‘indianidade’ desses povos para que os direitos à terra sejam colocados em dúvida. O discurso que se tem utilizado para isso é: “se tem tecnologias, não é mais índio”.



4 Considerações finais

A pesquisa que originou este artigo foi realizada entre os anos de 2010 e 2014 e coletou uma gama de informações importantes no que diz respeito à educação escolar indígena. Dentre essas informações, estão a relação desenvolvida pelos educadores com as tecnologias e a rede mundial de computadores. Vê-se, nas entrevistas e questionários realizados, que os professores se preocupam com a agilidade com que os mais novos adentram ao mundo virtual e a necessidade de se envolverem neste novo contexto para não perderem de vista seus alunos.

Nesse espaço de discussão, encontram-se a escola e suas limitações. De acordo com os educadores, materiais didáticos, métodos, interdisciplinaridade e o conceito de escola diferenciada devem ser debatidos. No corpo deste debate, está a problematização do local da cultura Terena na escola e na região onde se encontram as aldeias, ao mesmo tempo em que se tenta ampliar a utilização das TICs. A princípio, essa relação parece ser dissonante. Porém, durante os quatro anos de pesquisa, pôde-se observar o quanto essa relação está cada vez mais próxima.

Os trechos destacados para este artigo se ajustam justamente a este debate: como cultura e inserção digital e tecnológica podem caminhar juntas. A resposta parece ser bastante simples: é necessário utilizar as TICs e a presença digital em prol da cultura, da militância e do combate aos velhos estereótipos. É isso que se tem visto desde a década de 1980, quando os indígenas começaram a se envolver em maior proporção com essas tecnologias e a produção de conteúdos, em especial, o audiovisual.

Todavia, essa temática merece ser objeto de novos debates e estudos, em especial no que se refere à realidade das escolas. Neste momento, verifica-se que os professores estão conectados e acompanham as movimentações do mundo virtual. Participam das transições do mundo real, a partir da conexão virtual. Utilizam a rede como espaço de debate e as TICs como instrumentos de comunicação de seus pensamentos e de conceitos que, até então, não haviam ganhado espaço.

O que se pode considerar, até aqui, é que se vislumbram, a partir destes educadores, caminhos que conectam as culturas originárias às TICs, de forma que ambas dialoguem e possibilitem o reconhecimento da cultura indígena, apontando caminhos metodológicos que podem ser eficazes (ou não?) para a escola indígena.

INDIGENOUS CYBER-EDUCATORS: NARRATIVES THROUGH INFORMATION AND COMMUNICATION TECHNOLOGY

Abstract: This article was written from outcomes of field research carried out between 2010 and 2014, and it is comprised of the problematization of indigenous narrative construction by the educators Terena and Guarani Kaiowa in teaching activities and in daily life. For data collection, the researchers used questionnaires with open and closed answers, recorded interviews in audio and video, and also registered some information in the field journal at the workshop of qualification which took place in the city of Aquidauana, Mato Grosso do Sul. It is considered that the presence of technologies in the indigenous context, from the perspective of these educators, it is not an external element for culture defragmentation; it is instead incorporated to a concrete presence, which is already integrated to the indigenous and peoples, as it has been used for spreading themes related to them.

Keywords: Indigenous education. Teaching. Information and Communication Technology (ICT).

Referências

- BRASIL. Decreto Lei 6.861, de 27 de maio de 2009. Dispõe sobre a Educação Escolar Indígena, define sua organização em territórios etnoeducacionais, e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 28 maio 2009. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6861.htm>. Acesso em: 10 maio 2017.
- CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet – A era da informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- FUNASA/RENISI. **Fundação Nacional de Saúde/Rede Nacional de Estudos e Pesquisas em Saúde dos Povos Indígenas**, 2005. Disponível em: <https://sis.funasa.gov.br/portal/detalhe_dsei.asp?strcddsei=20>. Acesso em: 30 mar. 2017.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- HENN, Ronaldo. O ciberacontecimento. In: VOGEL, Daisi; MEDITSCH, Eduardo; SILVA, Gislene. **Jornalismo e acontecimento: tramas conceituais**. Florianópolis: Insular, 2013, p. 31-48.
- JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.
- JESUS, Antonio João de. **Coisas da Terra**. Cuiabá: UFT/MR, 2005.
- LEMOS, André. **Ciber-cultura-remix**. Seminário Sentidos e Processos. São Paulo. Itau Cultural. 2005.



_____. **Cibercultura:** tecnologia e vida social na cultura contemporânea. 6. ed. Porto Alegre: Sulina, 2013.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual?** Tradução de Paulo Neves. São Paulo: 34, 2005.

MATUCK, Artur. Uma prospectiva política para um multiverso digivirtual: direitos humanos às tecnolinguagens. In: SANTAELLA, Lucia; ARANTES, Priscila (Org.). **Estéticas Tecnológicas:** novos modos de sentir. São Paulo, SP: Educ, 2011.

PRIMO, Alex. **Interações mediadas e remediadas:** controvérsias entre as utopias da cibercultura e a grande indústria midiática. In: PRIMO, Alex (Org.). **Interações em rede.** Porto Alegre: Sulina, 2013.